

Carta Para Um Amigo | Alexandre Santos

Inspirado no conto Olhos d'Água de Conceição Evaristo

Faz tempo que não nos encontramos para trocar meia dúzia bobagens, conversar sobre amenidades e coisas da vida. Essa correria do dia a dia é mesmo de aborrecer qualquer um. Viu a reportagem do rapaz que lançou seu carro contra outro, apenas porque demorou a dar partida após o brilho verde do semáforo aparecer diante de seus olhos?

Mas deixando essa loucura de lado, quero lhe contar sobre o que li, mesmo sabendo que você não é muito chegado a leitura. Achei que gostaria de saber sobre o texto. Ele me fez lembrar muitas coisas da minha época de mais moço, ou melhor, da nossa época.

Não sei se você conhece a professora Conceição Evaristo. Se não a conhece, procure conhecê-la. Acho que ela vai conseguir criar em você o tal gosto pela leitura.

Bom, o texto que eu li, chama-se “Olhos d'água”. Que texto maravilhoso! Carregado das mais diversas emoções. E que sensibilidade teve Evaristo ao escrevê-lo! Toda história gira em torno de uma noite em que ela acordou bruscamente e não se recordava da cor dos olhos de sua mãe. Como pode alguém esquecer de algo em sua própria mãe? Ainda mais os olhos, o olhar materno é tão cheio de carinho, de amor, transmite uma paz e sem contar que, é uma das primeiras coisas que vemos, quando ainda bebês, e abrimos nossos próprios olhos pela primeira vez. Mas, deixa estar, talvez a vida sofrida e os anos de afastamento entre ela e a mãe, de alguma forma, pudesse ter afetado essa lembrança.

Voltando ao texto, Conceição revela que mesmo sem lembrar dos olhos de sua mãe, ela consegue lembrar-se claramente de muitas histórias vivenciadas por ela, sua mãe e suas irmãs. Em uma dessas histórias ela comenta que a alegria delas, era quando a mãe parava seus afazeres domésticos e se tornava a “grande boneca negra” que ela e suas irmãs penteavam. Um dia penteando os cabelos da mãe, as meninas encontraram uma bolinha escondida no couro cabeludo, pensaram que fosse um carrapato, agora você veja só, se não é muito fantasiosa mesmo a mente de uma criança. E o pior, elas tentaram arrancar o bicho achando que poderia estar fazendo mal a mãe.

Lembrei-me de quando corríamos pelos corredores e escadas do prédio. Nossa! Como faz tempo! Um belo dia, no corredor do quarto andar, a gente viu uma janela entreaberta e um quadro da Monalisa, que parecia estar nos espiando, pendurado na

parede, pronto, logo inventamos para todo o prédio que existia um quadro que se mexia. E não é que depois disso, até adultos, disseram que também viram o quadro se mexer. Lembra disso?

No conto, Evaristo narra a vida difícil que teve, ao ponto da fome apertar tanto, que fazia a boca infantil salivar a língua no sonho de comida. Nesses momentos, ela contou que a mãe costumava brincar de que ela era a rainha e as crianças colhiam flores para jogar por seus cabelos, braços e colo. Ela sabia que a mãe só fazia isso para enganar a fome. Me entristeci com esse fato, não só pela fome ser algo presente no mundo, mas porque me vi naquelas crianças. Você deve lembrar, claro, que quando meu pai perdeu o emprego e foi embora de casa, chegamos a passar necessidades também. Às vezes, não tínhamos o que comer. Dona Júlia, a vizinha da barraquinha, sempre que podia, nos dava hambúrguer para enganar a fome. Minha mãe, que Deus a tenha em bom lugar, sentava comigo e minha irmã para contar-nos algumas histórias. Assim como Evaristo, eu também sabia que aquele gesto era para que a gente esquecesse a fome.

Por falar em Deus, que relação forte Evaristo tem com sua religião, com sua ancestralidade. Desde pequena já entoando cantos de louvor a seus ancestrais, é firme ao dizer que não esquece das Senhoras Africanas, as Yabas, donas de tanta sabedoria. Me identifiquei bastante com o amor e o temor dela com sua crença. Eu, desde moleque, sempre acreditei muito em Deus e quis aprender sobre Ele por diversos pontos de vista. Frequentei centro espírita quando meus pais eram “macumbeiros”, me lembro que você também tinha um pezinho lá. rsrs Frequentei a igreja católica, me batizei, fiz a primeira comunhão, fui “corinha” (ajudante do padre na missa), você também era. Lembro que sempre pegávamos um dinheirinho da contribuição dos fieis para comprar um “tobi com skinny”. Tempos bons. Depois fui para igreja evangélica e lá firmei base. Mesmo desviado hoje, ainda tenho meus princípios e temores cristãos.

Bom, depois de tanto relembrar das histórias e mesmo assim não conseguir lembrar a cor dos olhos de sua mãe, Evaristo toma a decisão de voltar a sua terra, reencontrar suas raízes e por fim acabar com a perturbação que tomara conta de sua cabeça, finalmente ela saberia a cor dos olhos de sua mãe. A essa altura, você deve estar me xingando, querendo saber também qual é a cor dos olhos da mãe de Conceição. Pois bem, os olhos eram cor de água, foi isso que Evaristo viu quando retornou. Viu sua mãe chorando e sorrindo, seus olhos eram como correntes de água que saltavam ao rosto. Aqueles olhos que ora choravam de alegria e ora choravam de tristeza, estavam sempre

encobertos por lágrimas. Por isso, Evaristo não se recordava da cor dos olhos, os olhos d'água.

Nossa! Como esse texto me fez refletir a vida! Em certos momentos, me vi junto a ela dentro das histórias e, em outros, pude contemplar a força da mulher negra que sofreu com a fome, com racismo e com tudo que a sociedade tem para ferir alguém, mas que ao mesmo tempo lutou e venceu. Hoje, é professora, escritora e autora desse conto incrível.

Espero te ver em breve. Não se esqueça de dar lembranças a todos da sua família. Foi muito bom poder dividir essa experiência com você, mesmo que à distancia.